

A aposta alta de Itamar Franco

Pré-candidatura precoce à Presidência limita ação do governador

Pedro Lobato
de Belo Horizonte

A mais precoce das pré-candidaturas à Presidência da República, conhecida desde que Itamar Franco (PMDB) tomou posse do governo de Minas, teve como primeira consequência a definição antecipada dos homens e das armas com que lutaria o maior partido do estado para se manter no Palácio da Liberdade. Ainda que Itamar não consiga superar as armadilhas do PMDB nacional e perca as prévias do partido, seu vice-governador, Newton Cardoso, já assumiu a postura e os trabalhos de candidato a governador.

“Aí parece não ter mais volta. Ninguém acredita que Newton Cardoso abrirá mão da candidatura a governador pela segunda vez, como fez em 1998. Se não conseguir ser candidato a presidente, Itamar terá que buscar uma outra alternativa, como a volta ao senado”, diz o professor Nilson Borges Filho, do departamento de Ciências Políticas da UFMG. Ele não vê, no momento, muitas chances para Itamar e acha que “se o governador ficar de fora da disputa presidencial, seu grupo vai desaguar votos em Lula”.

Itamar Franco tem ainda muito trabalho pela frente para garantir sua candidatura. Ele estará hoje em Brasília para tratar com a cúpula do partido quem vota e quem não vota nas prévias marcadas para janeiro. Além disso, tem de conquistar mais algumas simpatias que hoje tendem a apoiar a ala governista do PMDB, que sonha com a retomada da aliança com o PSDB e o PFL, a mesma que elegeu Fernando Henrique Cardoso.

De qualquer modo, foi a partir da definição antecipada do PMDB que o jogo passou a se dar em Minas Gerais. Num primeiro momento, a candidatura inarredável de Itamar Franco azedou uma aliança administrativa que manteve, nos primeiros meses de 1999, quadros do PT dentro do governo mineiro.

Uma greve de professores foi pretexto suficiente para que deixasse de ser um parceiro político para ser apenas “respeitado por suas posições firmes de combate ao neo-liberalismo e ao governo federal”, nas palavras da presidente regional do PT, Maria do Carmo Lara.

Já que o PMDB mineiro tinha as cabeças das chapas nacional e regional, não restou ao PT senão procurar outros caminhos. Um deles foi valorizar a bem sucedida aliança com o PSB de Célio de Castro e que já havia garantido a Prefeitura de Belo Horizonte.

Ao próprio prefeito, liderança que se confirmou com sua reeleição, no ano passado, a pré-definição do PMDB também fechou portas, apesar da amizade com Itamar Franco. Célio deixou o PSB e se filiou ao PT, pelo qual poderá concorrer ao governo de Minas. Antes de ser operado de um coágulo no cérebro, na semana passada, vinha usando seu trânsito e habilidade política para garantir uma ponte com o grupo peemedebista de Itamar, com o qual Lu-



Itamar Franco

la vai ter que contar no segundo turno.

Dentro do próprio PMDB mineiro, essa pré-definição também teve consequências. Uma delas foi o rompimento do senador José Alencar e seu grupo que deixou o partido. O senador pretende ser candidato a governador ou a vice-presidente, mas acabou ficando sem

espaço no partido que, a partir de uma convenção realizada em abril deste ano, passou a ser totalmente controlado pelo vice-governador Newton Cardoso. O senador filiou-se ao PL, partido que também se sentiu sem espaço no esquema de Itamar-Newton, e está se aproximando da candidatura Lula.

Sobre a terceira força, a que é liderada pelo PSDB e conta com o apoio do PFL, a candidatura presidencial de Itamar Franco tem o condão de torná-la automaticamente em adversário óbvio. Os tucanos ainda discutem qual a melhor estratégia a adotar em Minas, em razão do clima criado pela oposição estridente de Itamar ao governo de FHC.

Se optar por tirar a disputa regional do debate nacional, o PSDB mineiro deverá lançar o ex-governador Eduardo Azeredo que terá a missão de combater apenas Newton Cardoso. As outras opções, o ministro Pimenta da Veiga, das Comunicações, ou o deputado Aécio Neves, presidente da Câmara Federal, farão a “nacionalização” da campanha.